

YÓRGOS SEFÉRIS

SEIS NOITES NA ACRÓPOLE

TRADUZIDO DO ORIGINAL GREGO POR JOSÉ LUÍS COSTA



Strátis levantou-se da mesa e pôs-se à janela. Era o princípio da tarde. O vento tinha esfiapado as nuvens. Voltou a sentar-se e anotou no caderno que deixara aberto:

«*Quarta-feira, Março* — Hoje lembrei-me, pela primeira vez na Grécia, dos céus de Domínikos, o *Cretense*.»

Ao reerguer-se, a chávena de café, cheia de beatas de cigarro, caiu e partiu-se. Sem olhar para ela, pôs-se de novo à janela e aí ficou por um bom bocado. Batia de vez em quando os dedos na vidraça. Quando o torpor lhe desceu da cabeça às pernas, voltou para junto da mesa e escreveu, de pé:

«A chávena caiu e quebrou-se – facto que, curiosamente, não me perturbou.»

Saiu de casa e caminhou até à praça Síndagma.

Encontrou Nikólas, Nónidas e Kalliklís. Jogavam ao par ou ímpar. O vendedor de pistachos, um velho alto de elegante bigode branco, contava que em tempos fora rico e que perdera tudo na bolsa. Os rapazes concentravam-se no jogo. Strátis seguia vagamente

os seus movimentos. Depois, pôs-se em marcha rua Akadimías fora.

Soprava um vento leve e frio. Uma senhora exuberante passou por ele, agarrando-lhe o pescoço com o seu perfume – estranhou que não pedisse desculpa. Os eléctricos viajavam iluminados e expeditos. Pequenos autocarros, levando cada um treze almas sentadas, um condutor e um jovem revisor pendurado à ponta, corriam como enormes baratas. Chamavam-se: *Catarina, Oxalá, Fortuna, Gosto Meu, Boneca, Pólo Norte, Marmeleiros, Bela Grécia*. Enquanto se esforçava por memorizar estes nomes, deu de caras com um vendedor de grão-de-bico torrado, que circulava com o fogareiro junto à barriga. Com os olhos em lágrimas do fumo que a pequena chaminé expelia, murmurou algo e comprou duas dracmas expiatórias de grão-de-bico. Guardou-o no bolso: queimava, sentiu a pele arder-lhe ao caminhar. Foi talvez por isso que, mal chegou à praça Káningos, se pôs a pensar na solidão que era a sua em Atenas. Ergueu os olhos para o céu. Entre outros reclames afixados numa parede, leu em letras gordas:

UMA P... IMPERATRIZ

Apressou o passo até à rua Aharnón e, às oito, bateu à porta de Salómi. Encontrou-a na sua minúscula sala, à conversa com um cavalheiro e uma senhora, mais velha

do que ela, muito morena, de estatura média, bastante forte, de artelhos gordos e boca pequena como a ponta de um cachimbo. Também Lála estava presente, mas em silêncio. No momento em que Strátis chegou, a senhora explicava o funcionamento da laringe de uma cantora, recorrendo a rápidos movimentos de polegar e indicador, como se imitasse o bico de um galo. O bico ficou por fim aberto e Strátis perguntou:

— A senhora canta?

— Sim, estudei canto na Alemanha, além de literatura. Estou em crer que escreve. Escreve o quê?

Strátis sentiu a luz da casa excessivamente fraca.

— Gostaria de escrever poemas e ensaios — disse devagar, como quem responde a uma indiscrição.

A decepção ensombrou o rosto da senhora:

— Com franqueza, poemas? Mas quem se ocupa disso, hoje em dia? O romance tomou o lugar da poesia. Nunca experimentou o romance?

Strátis sentiu-se num tribunal. À sua volta, Salómi preparava aguardente de mástica; o senhor mantinha o olhar carrancudo; Lála movia-se por trás de um vidro fosco. Respondeu com grande lentidão, aos tropeços:

— Sim, experimentei, mas creio que não tenho talento para a narrativa. Pior que isso, sou incapaz de descrever. Tenho sempre a sensação de que basta nomear uma coisa para que ela passe a existir. O que é essa coisa, ela própria o demonstrará, pelas suas acções. Talvez por isso, quando tento uma descrição,

parece-me que as palavras perdem o peso, dissolvem-se na ponta da caneta. E como encher um livro sem descrições?

A senhora mostrou-se surpreendida ou impaciente:

— E se a coisa em questão não for uma pessoa? Se for uma paisagem, um objecto, que não age? Como compreenderemos do que se trata, sem uma descrição?

— Penso que tudo o que existe age — respondeu Strátis.

Soou-lhe estranho o aforismo, como se tivesse sido dito por outrem: riu-se.

Salómi seguia a conversa com olhares de esguelha. A senhora achou que Strátis fazia pouco dela e mostrou-se mordaz:

— Acha então que as brincadeiras dos versejadores cumprem algum propósito?

— A arte é difícil — respondeu ele, indiferente — e muitos fracassam. Mas não vejo outro modo de dizer a minha comoção.

A boca da senhora parecia agora infinitesimal, de tanto desprezo:

— Mas quem quererá saber da sua comoçãozinha?! Poesia verdadeira, só um profeta pode fazê-la: aquele que traz ao mundo uma nova fé.

— Tenho a impressão — respondeu Strátis — de que isso é outra coisa. Mas acredito que se alguém consegue exprimir com verdade a comoção que sente

pelo mundo, ajuda os outros a não perder a fé que devem guardar no íntimo.

— Que tipo de comoção? Qualquer uma?

— Diria que sim, qualquer uma.

— Não se rege você por qualquer tipo de mundividência?

— A minha mundividência, se for útil para alguém, será visível no momento em que concluo o meu trabalho.

— Ou seja, tudo do avesso— respondeu a senhora.

— Que desgraça existirem ainda jovens que pensam assim, ainda hoje: HOJE.

O polegar e o indicador voltaram a abrir e fechar, a cortar fios, cordas e cordões em volta do *hoje*. Suspirou, e de seguida perguntou a Strátis:

— Conhece o Longomános?

— Muito vagamente. É um homem que me assusta. Do par de vezes em que o encontrei, deu-me a sensação de que falava empoleirado numa cadeira imaginária.

Os olhares de esguelha da Salómi multiplicavam-se ao longo da discussão. De repente, intrometeu-se.

— Até que enfim: algo divertido.

— Pois eu acho, minha querida — disse a senhora, melindrada —, que isto é revelador do grego provinciano que não reconhece a superioridade de ninguém. É o que somos: tivemos um grande rei e mandámo-lo morrer no exílio.

No outro canto, o senhor fumava e ouvia, com desprezo e indiferença. Por vezes fitava Lála de viés, quase sem despregar o olhar do chão, e abria a boca hirta, deixando o fumo irromper livre. Disse então:

— Uma cadeira imaginária; ou seja, uma cadeira que eu poderia pintar.

— Sim, Foústos — disse Salómi —, do mesmo modo que a Marigó, que andas a pintar para o teu Édipo, é uma esfinge imaginária.

— Com certeza — disse o Sr. Foústos.

Marigó sentiu-se lisonjeada e acalmou-se.

— Isso avança? — perguntou Salómi. — Vais pintar também uma Jocasta?

— Pois claro que não, se foi um quadro de Édipo e da Esfinge que a universidade me encomendou...

— Que pena! — respondeu Salómi. — Gostava que pintasses Jocasta na sua cama, e ao cima, no mosquiteiro, Édipo e a Esfinge, como se fossem o sonho dela.

— É verdade — disse Lála —, o sonho é a tragédia.

Foram as únicas palavras que se ouviram dela. Agitou-se nervosa, ajeitou o vestido e afundou-se numa nuvem onde reinava a serena aurora do seu rosto.

— Hás-de compreender, minha querida — continuou o Sr. Foústos —, que a universidade nunca aceitaria uma obra assim. Receio também que estejas a deixar-te levar por esses delírios modernos que, de resto, soam já tão ultrapassados.

— Pois a mim parece-me— disse Salómi — que Édipo é um homem com inquietações que ficariam muito bem reflectidas em Jocasta, mais abaixo; esse mulherão às voltas com o seu pesadelo, no calor da noite de Tebas.

Os seus olhos deram a volta à sala e distraíram-se.

— Não tem inquietações, você? — perguntou ela, como se falasse para o vazio.

— Faço arte séria e tenciono continuar — respondeu o Sr. Foústos. — Se esses desequilibrados te divertem, dou-tos de bandeja: incluindo El Greco, ao que parece o grande precursor de todos eles, como tanto alardeiam ultimamente.

Fez-se silêncio. Acendeu outro cigarro: apagou o fósforo com cuidado, soprou o fumo contra Strátis e perguntou-lhe:

— E você, gosta do Greco?

— É um dos meus problemas, o Theotokópoulos — respondeu Strátis. — Não sabemos ainda a importância que poderá ter para a Grécia.

— Era um homem doente — disse o Sr. Foústos, com um gesto displicente. — Está já cientificamente comprovado que pintava aqueles corpos muito esguios porque sofria do fígado.

Strátis sentiu a necessidade de partir alguma coisa: partiu o palito de uma azeitona que tinha na mão. Só Salómi se deu conta.

— Na verdade — respondeu devagar —, tinha ainda outro grande defeito: era insociável.

— Insociável? — perguntaram a Sr.^a Marigó e o Sr. Foústos em coro.

— Sim, porque retirou aquele hospital d'*A Vista de Toledo*⁽¹⁾ — disse Strátis, com frieza.

— Qual hospital?

— O de Don Juan Tavera.

Houve um silêncio glacial. Só Salómi murmurou:

— Pois claro. E os doentes?

— Muito pior que isso, Sr.^a Salómi — disse Strátis. — O problema é que todos esses doentes desalojados de Toledo vieram para a Grécia: estropiados e loucos, tudo à mistura, e vagueiam pelas nossas ruas. Como arranjar espaço para eles, com tantos refugiados?

A voz de Strátis soava excessivamente alta. Irritado, o Sr. Foústos apagou o cigarro e levantou-se, no que foi seguido pela Sr.^a Marigó.

(¹) El Greco fez acompanhar o quadro *Vista de Toledo* de uma nota onde, entre outras coisas, se pode ler: «Vi-me na necessidade de pôr o hospital de Don Juan Tavera sob a forma de modelo, não só porque encobria a porta de Bisagra, como porque a sua cúpula era tão alta que ultrapassava a cidade. Assim sendo, já que o pintei como modelo e desloquei, pareceu-me preferível mostrar a sua fachada em vez dos outros lados. Quanto à sua localização na cidade, encontra-se no mapa.» Seféris usou esta mesma citação como epígrafe do seu livro de poemas *A Cisterna*.

— Tenho de ir ao teu ateliê — disse-lhe Salómi.
— Gosto de ver as coisas antes de estarem acabadas.
— Claro que sim. Combina com a Marigó.
A Sr.^a Marigó voltou-se e despediu-se de Strátis.
— Boa noite, senhora Esfinge — disse-lhe ele.
Sentiu-se lisonjeada:

— Eis o poeta a falar. Agora a sério, recomendo-lhe que investigue o Longomános. Agora está no Tibete. Assim que regressar, aviso-o, para que possa conhecê-lo melhor.

— E eu dar-vos-ei uma cadeira imaginária — gracejou Salómi.

Foram-se embora. Ficou apenas Lála, a quem Salómi deu o braço com afecto. Strátis preparava-se para se despedir.

— Não é linda a minha amiga? — disse-lhe ela, encostando-se ao ombro dela.

Os olhos de Lála tremelicaram como as folhas do choupo.

— Sim — respondeu Strátis —, e sabe guardar silêncio. Tivera eu esse talento e não vos arruinava o serão.

Saiu. No movimento e balbúrdia do passeio, tropeçou; por pouco não caiu. O céu esvaziara-se de nuvens e a lua cheia iluminava como o dia. Tirou um papel e anotou:

«As pernas tropeçam-nos nos fios que prendem os nossos corações.»

E voltou para casa.

